

Dias difíceis para os Macuxi e Yanomami

As epidemias se abatem sobre os povos *Macuxi* e *Yanomami* que habitam o Território de Roraima. Nos meses de junho e julho, os surtos de sarampo e malária semearam a morte nessas populações. Nesse processo de extermínio a "negligência gravíssima" da Funai é um fato incontestável, uma vez que a ação do órgão tutor só foi desencadeada quando os surtos já faziam muitas vítimas. Em relação aos *Yanomami* a Funai divulgou na imprensa que havia mandado todo um aparato médico para resolver o problema. Mas, até o dia 23 de julho, haviam morrido 13 *Yanomami*.

O povo *Macuxi* das malocas de Cumanã, Baru, Arai e Santa Isabel, na região do Surumu, sofreu na carne o descaso da Funai. Segundo denúncia do tuxaua Terêncio Luis Silva, da maloca de Cumanã, a Casa do Índio em Boa Vista, capital do Território, era um dos focos de transmissão das doenças para as aldeias. Devido às precárias condições de atendimento, a Casa do Índio se constituiu na Casa da Morte.

EM CUMANÃ

A malária, principalmente, entre os *Macuxi* começou desde o mês de abril deste ano. Os *Macuxi*, trabalhando no garimpo, contraem essa doença que depois se espalha pela tribo. Segundo relatório da médica Sandra Maria Barbosa, da Missão Surumu, no mesmo mês de abril teve início em Cumanã um mini-posto de coleta de sangue para exames de malária, responsabilizando-se pelo serviço o índio Terêncio e seu irmão Lúcio *Macuxi*.

"De vez em quando nos chegavam lâminas, quase sempre positivas, para as quais remetíamos os medicamentos anti-maláricos a serem administrados pelos responsáveis. Em maio nos encontramos com o tuxaua Terêncio, que se mostrava demasiadamente preocupado com o descaso da Funai quanto à construção de um posto de saúde e outro de comunicações (fonia) em sua maloca, há tempos prometidos pelo órgão" - relata Sandra Barbosa.

A Funai criou obstáculos à ida da Dra. Sandra para a maloca do Cumanã. Mas no dia 18 de maio, segunda-feira, ela viajou com a equipe desse órgão. Primeiramente, Sandra e a equipe da Funai foram à maloca de Napoleão. "A situação era de veras crítica; a escolinha havia se transformado em "hospital improvisado". Por toda parte redes atadas, pacientes gemiam, outros deliravam, outros em estado de coma malárico ali se estendiam, cercados do cuidado e carinho de seus parentes". Das 142 lâminas da população, cerca de 32 deram resultados positivos. O resto dos dias que a Missão passou em Cumanã serviu para detectar novos casos de malária e sarampo. O clima era de desolação, pois os índios abandonaram todas as atividades, menos a "farinhada", devido à difícil situação causada pelas doenças.

MORTE NO CAMINHO

Em seu relatório encaminhado ao Cimi, Sandra diz que a nona vítima da maloca do Cumanã foi uma criança de um ano que morreu de malária aguda.

E as lâminas chegaram a 201, das quais 65 positivas. Para a região insalubre, está se fazendo apenas a ação curativa com o auxílio da Sucam. Num contato com o médico da Funai, houve a promessa da montagem de um esquema de emergência para o Cumanã, utilizando-se a ação preventiva. A ausência de um posto de saúde, obriga os doentes graves a caminharem a pé o dia inteiro até Boca da Mata, onde se localiza o posto (único na região do Surumu) com rádio-fonia. Muitos não resistem e morrem no caminho.

No final de junho, o tuxaua Terêncio dirigiu-se de Cumanã a Boa Vista para se entender com os órgãos competentes (?), no caso, Funai e Sucam. O tuxaua Terêncio foi solicitar a instalação de um posto médico e um avião, pois os casos de malária e sarampo estavam aumentando.

CASA DO ÍNDIO - UM PERIGO

Em Boa Vista, apesar da gravidade do problema, responderam-lhe que não poderia ser logo atendido, alegando-se falta de transporte. No entanto, em relação aos *Yanomami* a Funai fez um alarde na imprensa de que estava enviando transporte e remédios aos milhares.

O tuxaua Terêncio denunciou a situação da Casa do Índio, responsabilizando-a pela transmissão de malária e sarampo nas aldeias. Segundo Terêncio, "na Casa do Índio está cheio de doentes, de gripe, de malária, de sarampo; esse pessoal todo junto quando chega um com malária volta para casa com sarampo. Quando chega uma pessoa com sarampo, volta levando malária. Isso é porque ficam todos juntos, imprensados". (Nota do CIMI-Norte I).

O tuxaua Terêncio escreveu uma carta ao Delegado da Funai solicitando com urgência um posto médico. E fez um balanço trágico das mortes. Segundo a carta, "não queremos abandonar nossa terra, não queremos ver nosso povo morrendo, se acabando dia a dia, como temos por tristeza o desaparecimento de oito pessoas que morreram de janeiro a junho de 81 e mais dois que morreram, um adulto e uma criança, incluindo são 10 que morreram". Terêncio teme, justamente, o fim de sua aldeia.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Revista*

Data: *ago/81*

Class.:

Pg.: *16*